



# **PATRIMÔNIO LOCAL DE PARIPE: PROPOSTAS DE AÇÕES EDUCATIVAS EM SALA DE AULA**

**Edmara Matos Maurício**

**Salvador  
2021**

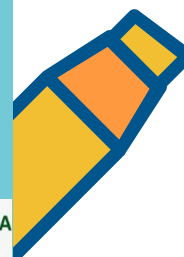
**APOIO FINANCEIRO:**



SECRETARIA  
DE CULTURA

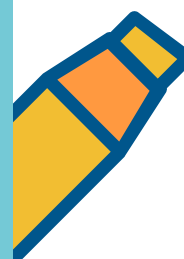
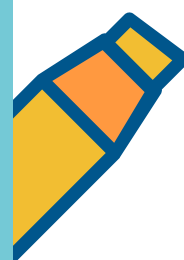
SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO



# SUMÁRIO

• Apresentação	01
• Breves conceitos	03
• Ação cultural e educativa com patrimônios	05
• O que Paripe tem? Que tal conhecer o patrimônio edificado do bairro?	08
• Igreja de Nossa Senhora do Ó	09
• Companhia de Cimento Salvador – Cocisa	14
• Ferrovia	15
• Na sala de aula : onde está o patrimônio? Quer conhecer – lô melhor?	17
• Reconhecendo o Patrimônio	21
• Atividade : Paripe nas mídias	24
• Atividade extraclasse	25
• Patrimônio vivo	26
• Atividade : a partir do Patrimônio edificado	27
• Caminhada usando fotos antigas	27
• Atividade : um quebra – cabeça	28
• Paripe em HQ	28
• Jogo da memória – paisagens e Patrimônios urbanos	29
• Atividade : um júri popular	29
• Considerações finais	31
• Referência bibliográfica	33

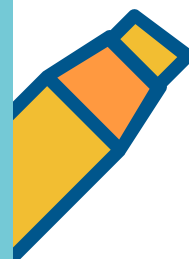


# APRESENTAÇÃO

A presente cartilha dispõe de propostas de ações culturais e educativas que podem ser desenvolvidas no âmbito escolar, auxiliando como ferramenta de investigação sobre o conhecimento e identificação dos escolares com a trajetória do bairro em que residem.

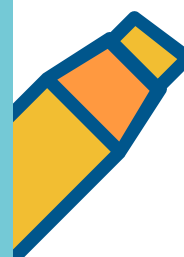
A partir da percepção sobre a importância da historicidade do bairro e a existência de vestígios que ainda permitem revisitar esse passado, a cartilha propõe estratégias direcionadas ao ensino da educação patrimonial de modo a estabelecer vínculos entre o bem cultural local e a comunidade escolar, buscando subsídios teóricos nas áreas da Museologia Social, Patrimônio e Educação para identificar as relações existentes entre a população local e a cultura material.

Com isso, as atividades propostas estão relacionadas ao bairro de Paripe. Surgido originalmente a partir da freguesia de Nossa Senhora do Ó, o bairro apresenta aspectos culturais e patrimoniais que possibilitam o desenvolvimento das atividades através da análise de patrimônios que começaram a ser edificados nos séculos anteriores, como por exemplo, as Ruínas da Igreja Nossa Senhora do Ó, no século XVI; o Sistema Ferroviário do Subúrbio de Salvador, no século XIX e a antiga Fábrica de Cimento Aratu século XX. Assim, propomos atividades que incentivem o levantamento da História a partir do patrimônio presente no território.



O objetivo principal é apresentar os lugares que já fazem parte do dia a dia desses alunos, mas na perspectiva de serem apontados por meio de outras dinâmicas, como por exemplo, a curiosidade, possibilitando a construção do conhecimento a partir do patrimônio, da tradição oral que pode despertar a consciência e compreensão da história da Bahia e do Brasil com intuito que percebam que não são apenas personagens, mas também sujeitos.

Outra vertente desse trabalho é a possibilidade de seguir o calendário de estudos estabelecido para o ano letivo com aulas fora do espaço tradicional de ensino, a partir do conhecimento local da comunidade em que o docente e o discente estão inseridos, possibilitando atividades de campo que contribuem para aprofundamento de conteúdos.



A seguir, breves conceitos de alguns termos presente nesta cartilha:

- Ação Cultural

“Ação cultural é um processo como início claro e armado, mas sem fim especificado e, portanto, sem etapas ou estações intermediárias pelas quais se deva necessariamente passar – já que não há um ponto terminal ao qual se pretenda ou espere chegar” (COELHO, 1989)

- Educação Patrimonial

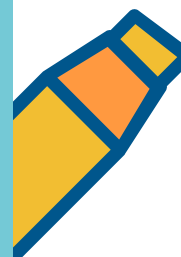
“Chamamos de educação Patrimonial o processo permanente e sistemático de trabalho educativo, que tem como ponto de partida e centro o Patrimônio Cultural com todas as suas manifestações”. (GRUNBERG, 2007)

- Patrimônio Cultural

“São todas as manifestações e expressões que a sociedade e os homens criam e que, ao longo dos anos, vão se acumulando com as das gerações anteriores. Cada geração as recebe, usufrui delas e as modifica de acordo com sua própria história e necessidade. Cada geração dá a sua contribuição, preservando ou esquecendo essa herança”

...

Patrimônio Cultural não são somente aqueles bens que herdamos dos antepassados. São também os que se produzem no presente como expressão de cada geração, nosso “Patrimônio Vivo”: artesanatos, utilização de plantas como elementos e remédios, formas de trabalhar, plantar cultivar e colher, pescar, construir moradias, meios de transporte, culinária, folgedos, expressões artísticas e religiosas, jogos etc.” (GRUNBERG, 2007)



- Educação Formal

“Sistema de educação hierarquicamente estruturado e cronologicamente graduado, da escola primária à universidade, incluindo os estudos acadêmicos e as variedades de programas especializados e de instituições de treinamento técnico e profissional” (MARANDINO, 2008).

- Educação Não formal

“Qualquer atividade organizada fora do sistema formal de educação, operando separadamente ou como parte de uma atividade como aprendizes e que possui objetivos de aprendizagem”. (MARANDINO, 2008)

- Educação Informal

“Verdadeiro processo realizado ao longo da vida em que cada indivíduo adquire atitudes, valores, procedimentos e conhecimentos de experiência cotidiana e das influências educativas de seu meio - na família, no trabalho, no lazer e nas diversas mídias de massa” (MARANDINO, 2008).



## Importante saber:

### • Ação Cultural e Educativa com Patrimônios

A partir das Ações Culturais e Educativas com Patrimônios é possível provocar o conhecimento histórico, a sensibilização para a preservação e mudança ou a inserção de novos hábitos culturais. Dessa forma, torna-se possível a partir do sentimento de pertencimento agregando o conhecimento e a atuação, utilizando como suporte o bem cultural que é:

[...] composto de memórias, significados e valores, provoca novas ideias e sentidos, diferentes emoções. E é através da implementação de ações museológicas socialmente engajadas que o patrimônio cultural cumpre uma de suas funções primordiais: suscitar a criação de novos conhecimentos. Contudo, as interações entre sujeito e patrimônio são estabelecidas mediante a postura ativa do sujeito. (FIGURELLI, 2011, p. 121)

O valor que é atribuído ao bem cultural para a formação de referências culturais que estão presentes na história individual e coletiva que foram/são transmitidas entre várias gerações, (IPHAN, 2016, p. 7), é parte imprescindível ao interpretar o conceito de educação patrimonial, que para este texto,

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural. (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 4)

O trabalho educacional tem o processo contínuo e centralizado no Patrimônio Cultural como fonte primária de entendimento e desenvolvimento individual e coletivo a partir das vivências e do contato com manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e signi-



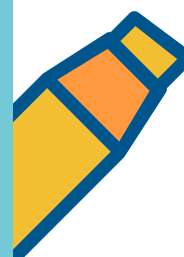
ficados. Além disso, busca levar o público a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor aproveitamento destes bens, oferecendo a geração e a produção de novos conhecimentos, numa ordem contínua de criação cultural. Assim, é inconcebível pensar a preservação do patrimônio cultural sem vinculá-la à transmissão, difusão e apropriação, por parte dos grupos sociais a que se refere, dos sentidos e valores atribuídos aos bens culturais. (LONDRES, 2012)

Por outro lado, a valorização, difusão e preservação do bem cultural a partir da aproximação da comunidade com a história local, a possibilita assumir o papel de protagonista no processo das decisões e a educação patrimonial, enquanto processo de aprendizado não formal, tem um papel crucial no desenvolvimento do conhecimento e no sentimento de pertencimento.

Nessa concepção, o museu, a escola e/ou os grupos que desenvolvam essas ações relacionadas à educação patrimonial têm grande poder na mudança de concepção sobre o que é de fato, patrimônio, visto que

Apesar do crescimento da educação patrimonial, ainda persiste a idéia de que o patrimônio está centrado em um reduzido número de locais e manifestações. Nessa perspectiva, a escola apresenta-se como mediadora no encontro do aluno com o patrimônio. Consolida-se desta forma uma visão da História reduzida a lugares privilegiados e históricos por excelência. O resultado disso, entre outras coisas, é que o aluno não concebe que a escola também faz parte do patrimônio da sociedade, que participa da sua constituição indentitária, sendo um lugar de construção de memórias, por esse motivo merece o mesmo cuidado que os demais patrimônios histórico-culturais. (AQUINO, 2015, p. 25)

É importante compreender a importância dos espaços – sejam as próprias escolas, museus ou territórios no bairro – onde ocorrem as possibilidades



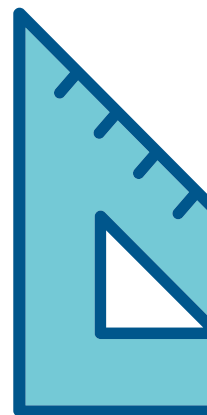


de transformações culturais; que são diferenciados, justamente por não terem as mesmas práticas e experiências formais da educação, como as que ocorrem normalmente nas instituições de ensino. Porém, pretendem servir a um público previamente identificado e possui objetivos específicos de aprendizagem. (MARANDINO, 2008)

Portanto, as reflexões realizadas tendo por base os conceitos de educação e processos museológicos são considerados como estrutura fundamental para as sugestões motivacionais, práticas museológicas e educativas tendo como resultado esperado à construção do conhecimento relativo ao patrimônio cultural. Nesse sentido, merece destaque a participação da comunidade, professores e museu(s) para que as parcerias estabelecidas alcancem o resultado esperado. É essencial perceber que esses setores precisam ter como referência o patrimônio cultural, de modo que possam atuar junto à comunidade em que estão inseridos, fazendo valer a premissa de que cultura e desenvolvimento precisam caminhar juntos. Conforme explicam Alves e Figueiredo (2015, p. 20):

Valorizar o patrimônio cultural que cerca o educando contribui para que este reconheça sua identidade e exerça sua cidadania, por isso é importante realizar práticas pedagógicas de Educação Patrimonial. Essas práticas devem discutir sobre novos temas, novas fontes documentais referentes ao patrimônio cultural e sobre o planejamento de atividades diversificadas que possam instigar os educandos a “redescobrirem” suas histórias e memórias.

O ensino formal e o não formal agregam os conhecimentos daqueles que tiveram acesso ao ensino superior e aqueles que possuem experiências, criatividade e são dominadores da história oral que é também tão importante para o desenvolvimento da comunidade. (SANTOS, 2001)



Assim, a finalidade da Educação Patrimonial é promover a inserção de todos os grupos possíveis presentes da comunidade para que juntos possam (se essa for à vontade da maioria), construir e preservar uma memória, um patrimônio. Dessa forma, é através das representações socialmente construídas que será possível compreender determinados momentos históricos relacionados ao bairro de Paripe.

### O que Paripe tem? Que tal conhecer o patrimônio edificado do bairro?

O patrimônio local de Paripe nos faz rememorar a História da fundação do bairro, sua importância na economia e desenvolvimento da Coroa Portuguesa. Apontamos brevemente três bens locais que podem ser usados como referência patrimonial, a saber, as ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Ó, a Fábrica de Cimento Salvador e a Ferrovia.

Na História do Brasil Colônia, a região de Paripe é referencial importante relacionado ao patrimônio local, de acordo com alguns estudos historiográficos. O bairro possui pontos que podem servir para a compreensão de uma variedade de temas sobre a história da cidade do Salvador, entre eles, a chegada dos portugueses na Bahia; a expansão da Companhia de Jesus na Bahia; a organização das aldeias indígenas; o processo de escravidão e a formação dos quilombos na região; entre outros temas que podem contribuir para a construção de referenciais significativos desses e tantos outros eventos situados em períodos marcantes para a formação do Brasil.



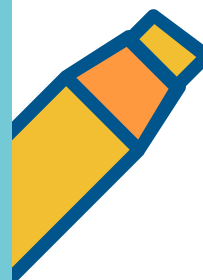
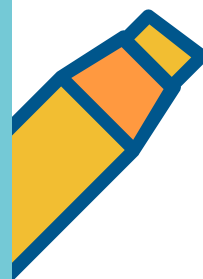
O nome Paripe, de origem indígena, significa um tipo de pesca ou armadilha de peixe, feito de madeira em formato de vara, colocadas dentro do rio. O bairro está situado no chamado subúrbio ferroviário de Salvador, com uma população aproximadamente de 55.000 residentes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015), e em seu território extenso, com uma população de baixa renda e economia local muito forte, voltado para o comércio e a pesca, estão situadas às localidades da Escola de Menores, COCISA, Tubarão, Gameleira, Bate Coração, Nova Canaã, Tororó, Vila Naval que pertence à Marinha e São Tomé de Paripe.

- **Fique sabendo:**

A região de Paripe possui alguns pontos de destaque como, por exemplo, a Antiga Fábrica de Sabão que esteve ligada diretamente a subsistência de muitas famílias, as fazendas e chácaras que serviam de veraneio. O bairro também tem participação na formação dos engenhos de cana-de-açúcar no século XVI, além disso, está situada na mesma região em que foram fundadas algumas das Igrejas mais antigas da Bahia, como é o caso da Igreja de Nossa Senhora do Ó.

- **Igreja de Nossa Senhora do Ó**

O patrimônio cultural urbano está presente na vida e cotidiano dos moradores da comunidade de Paripe, através das Ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Ó, inserida no atual cemitério do bairro. Através do uso do patrimônio local, é possível realizar o trabalho de preservação da me-

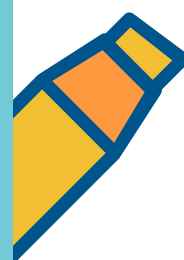


mória que permite a inclusão dos indivíduos em um processo histórico e com ele, a memória individual e coletiva.

Um dos objetivos dessa pesquisa é aproximar o cotidiano e história vivenciada pelos alunos aos temas tratados em sala de aula, tornando mais significativo o processo de aprendizagem, para isso, é necessária a utilização do vasto repertório histórico que há na composição da localidade, dentre eles, é possível utilizar os vestígios – as ruínas da Igreja – que ficam no alto de um morro, onde é possível ver a baía de todos os santos propiciando assim a visão de qualquer invasor, percebendo-se que sua construção segue os mesmos parâmetros de defesa da cidade fortificada.

A construção original da Igreja de Nossa Senhora do Ó data do século XVI, assim como as paróquias de Nossa Senhora da Purificação de Santo Amaro e São Bartolomeu de Pirajá criada por conta do crescimento dos engenhos espalhados pelo Recôncavo e pela expansão das comunidades. No entanto, de próximo da cidade de Salvador os jesuítas já haviam estabelecido aldeias, algumas fundadas em locais mais afastados do centro de Salvador, como por exemplo, a

Capela São Tomé de Paripe (1552) depois N. Sra. do Ó de Paripe. Em 1561 a capela de Santa Cruz construída no engenho de Afonso Torres, em Paripe, se transformara em sede da freguesia de Paripe no alto da colina, mas em fins do século XVI já havia sido transferida para a igreja de N. Sra. do Ó, que ficava na subida de Paripe para São Tomé de Paripe. Nesta freguesia havia, entre outros, o engenheiro do Rosário, do desembargador Cristóvão de Burgos, entre 1684 –1700, com uma igreja que ele doou aos dominicanos para casa de repouso onde pudessem morar quatro sacerdotes e um irmão leigo, ficando lá sempre dois frades enquanto outros dois iam pregar missões pelo sertão adentro. Por uma escritura pública de 6 de Novembro de 1701 ele estabeleceu tais condições com os dominicanos Frei Francisco Soeiro e Frei Rodrigo do Espírito Santo, fundando para isso um morgado, ligado ao engenho do Rosário. Em 1857 a igreja de Paripe, de duas torres,



já estava em ruínas. Em 1742, quando a remodelação da igreja da Conceição da Praia de Salvador, no antigo retábulo de sua capela-mor foi adquirido pela igreja de N. Sra. do Ó de Paripe com esmola de duzentos mil réis dada por D. João V. (NUNES, 2013, p. 322 e 323)

**O retábulo citado acima, que pertencia a Igreja da Conceição da Praia adquirida pela Igreja de Nossa Senhora do Ó, pode ser visualizado na figura 01.**

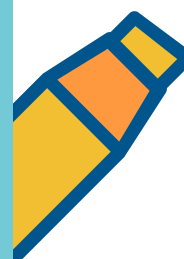
Figura 01: Destaque do retábulo das Ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Ó



Foto: Edmara M.Maurício, 2012.

**A Igreja de Nossa Senhora do Ó atuava fortemente na vida daqueles que moravam na comunidade, deixando evidente o poder que a Religião Católica exercia conforme comprovado por registros de nascimento e casamento ocorridos entre escravos no período colonial e no século XIX arranjados pelos proprietários.**

Nessa freguesia, foram realizados pelo menos 353 casamentos, dos quais 154 (43,6%) envolveram escravos, 138 (39,09%) entre livres e 20 (5,66%) de forros. Para os escravos do mesmo senhor, registramos 113 casamentos (226 escravos, 74,3%), apenas 6 de senhores diferentes



(12 escravos, 4%) e 31 casamentos mistos (20,3%), entre escravos e libertos ou livres, ou seja, pelo menos 269 escravos estavam casados, em Paripe, num período de 52 anos, número significativo, se comparado com os dados apresentados pela historiografia para outras freguesias rurais e urbanas da Bahia. (REIS, 2009, p. 2)

**Apesar da relevância histórica e patrimonial, atualmente, as ruínas da Igreja disputam espaço com o atual cemitério da localidade (Figuras O2 e O3).**

Figura O2: Ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Ó. Ao fundo, lápide do Cemitério local.



Foto: Edmara M. Mauricio, 2012.

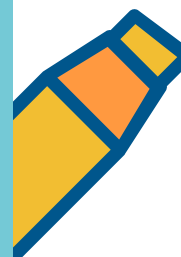


Figura 03: Túmulos do cemitério à esquerda. Ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Ó.



Foto: Edmara M. Maurício, 2012.

Figura 04: Pichação e roupas em varal improvisado nas Ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Ó



Foto: Edmara M. Maurício, 2012.



Figura 05: Ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Ó tomada pela vegetação de entorno



Foto: Edmara M. Mauricio, 2012.

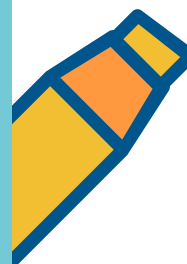
Assim, uma das finalidades da Educação patrimonial está justamente na transmissão de informação e conhecimento que possibilite reflexões sobre as ações de preservação.

- **Companhia de Cimento Salvador –**  
**COCISA**

Criada entre final do século XIX e início do século XX, a antiga Fábrica de Cimento contribuiu fortemente para a economia local, durante o período de atividade.

Na década de 80, em função da proibição do uso de calcário marinho, a extração que acontecia em algumas regiões, inclusive no próprio bairro, foi interrompida. Após o impedimento, a retirada precisaria ocorrer em outro local. Por encarecer o produto, preferiram fechar a fábrica. No entanto, pouco antes disso, a fábrica estava em pleno funcionamento, como é possível comprovar através da publicação do decreto cedida à Companhia de Cimento Salvador.

Art 1º Fica outorgada à Companhia de Cimento Salvador-COCISA concessão para lavrar calcário em águas territoriais na plataforma submarina, no lugar denominado Baía de Todos os Santos, Distrito e Município de São Francisco do Conde, Estado da Bahia, numa área de quinhentos hectares (500ha),





delimitada por um retângulo, que tem um vértice a quinhentos e trinta metros (530m), no rumo verdadeiro de cinquenta e quatro graus noroeste ( $54^{\circ}$  NW), do Cruzeiro localizado na Ponta Cajaíba e os lados divergentes desse vértice, os seguintes comprimentos e rumos verdadeiros: dois mil e quinhentos metros (2.500m), oeste (W); dois mil metros (2.000m), norte (N). (Decreto nº 76371 de 02/10/1975 / PE – Poder Executivo Federal – D.O.U. 03/10/1975)

A passagem do tempo e a proximidade com o mar, no entanto, não destruíram a estrutura, cujas ruínas trazem memórias de um tempo em que a quantidade de torres de chaminé já havia se multiplicado, em meio a um povoamento acelerado de área que resulta na extração pesqueira artesanal realizada pelos moradores.

Figura O6: Antiga Fábrica de Cimento Aratu – Vista da praia de Tubarão

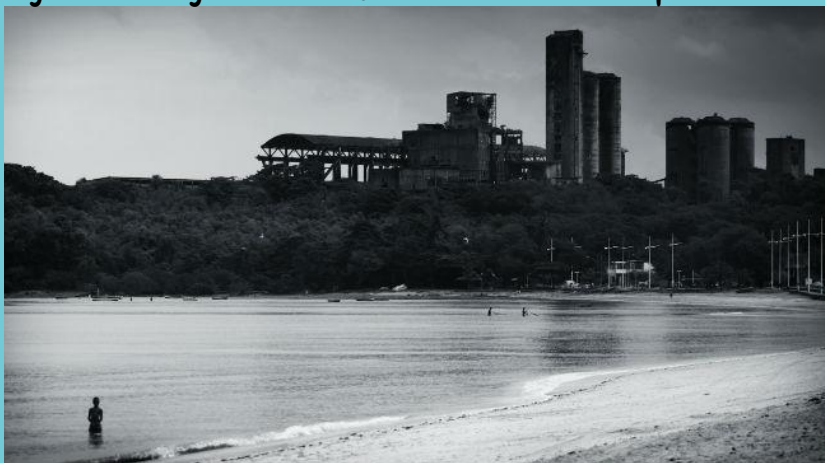
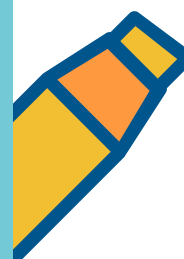
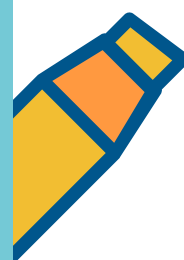


Foto: site jornal a tarde, 2015.

As ruínas da Fábrica ficam localizadas na ponta da Sapoca, morro entre as praias de Tubarão e São Tomé de Paripe, de onde o silêncio dos motores parados e o concreto escurecido são apenas vestígios do que já foi o primeiro pólo industrial do país, que compõe a paisagem de um bairro ocupado pelo comércio popular.

- **Ferrovia**

Após 168 anos em movimento, chega ao fim o uso da ferrovia como meio de transporte que realizava a ligação entre os bairros do chamado Subúrbio Fer-



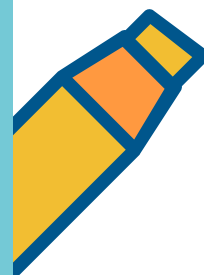
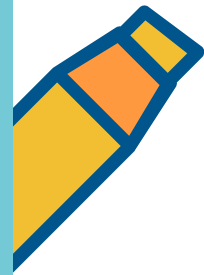
roviário de Salvador. No dia 14 de fevereiro de 2021 foram realizadas as últimas viagens que operavam o deslocamento entre as estações.

Por quase dois séculos, o trem foi responsável por realizar viagens diárias entre os mais de 13,5 quilômetros que cortam as 10 estações que compõem a Avenida Suburbana.

O Sistema Ferroviário do Subúrbio de Salvador foi inaugurado em 28 de junho de 1860, e é a mais antiga da Bahia e a quinta construção no Brasil. Resultou da concessão de privilégio a Joaquim Francisco Alves Branco Muniz Barreto pelo Governo Imperial, em 1853. Em 1855, o concessionário transferiu seus direitos à Bahia and San Francisco Railway Company (Estrada de Ferro da Bahia ao São Francisco), incorporada em Londres com um capital inicial de 1,8 milhões de libras. Mais tarde passou a compor a Viação Férrea Federal Leste Brasileiro (VFFLB), posteriormente, fez parte da Superintendência Regional 7 (SR-7) da Rede Ferroviária Federal (RFFSA). Com a privatização da RFFSA, foi formada a Ferrovia Centro - Atlântica S.A. (FCA), que ganhou a concessão da SR - e a Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU), a qual passou a ser a operadora do sistema ferroviário urbano (TEIXEIRA, 2008).

A linha percorria o trajeto total de 13,5 Km, era composta por dez estações: Calçada, Santa Luzia, Lobato, Almeida Brandão, Itacaranha, Escada, Praia Grande, Periperi, Coutos e Paripe.

A implantação da estrada de ferro foi importante para a economia de toda a avenida suburbana, pois propiciou o crescimento urbano, iluminação elétrica,



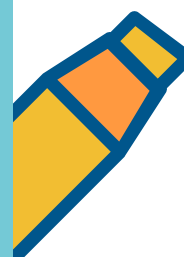
transporte público, crescimento e abastecimentos das feiras, pois as mercadorias vinham de outras regiões.

- **NA SALA DE AULA: ONDE ESTÁ O PATRIMONIO? QUER CONHECÊ-LO MELHOR?**

A compreensão, cuidado, preservação e conservação do bem cultural local torna-se possível a partir do (re)conhecimento, fato que evidencia a importância da Educação Patrimonial como ferramenta que contribua no processo de compreensão e respeito ao patrimônio e a identidade própria e do outro, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n.º 9.394 de 20 de Dezembro de 1996 estabelece no Art.1º que

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

No entanto, reconhecendo a importância da Escola como parte fundamental da educação em sociedade, ressalta-se que é assegurado um ensino diferenciado que pode e deve tratar de questões locais e regionais, conforme endossado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), elaborados pelo Ministério da Educação (MEC), que busca respeitar as diversidades regionais, culturais, políticas existentes no país e com isso considerar a necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras, prevendo, com este objetivo, o ensino dos temas transversais, pluralidade cultural e meio ambiente.



**A partir desta prerrogativa, nota-se a existência de caminhos e possibilidades no desenvolvimento de trabalhos e projetos voltados para a Educação Patrimonial nas escolas com maior possibilidade de escolhas e liberdade em algumas disciplinas que em outras:**

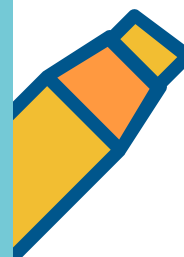
A Educação Patrimonial no ensino de História viabiliza a formação de indivíduos capazes de conhecer a sua própria história cultural. Ao trabalharmos questões referentes ao patrimônio no ambiente escolar, estamos oferecendo subsídios para a construção do conhecimento e da valorização e preservação desses bens culturais, sejam eles materiais, imateriais, naturais ou construídos. Ações educativas nesse sentido são importantes na medida em que os indivíduos precisam, para se reconhecerem e se diferenciarem de outros, de um “espelho” onde seja possível ver a própria vida, a própria cultura, a própria história e as próprias práticas e, com isso, construir a sua memória afetiva e sua identidade cultural. (SANTOS, 2009, p. 206)

**Partindo da questão do desenvolvimento socioeconômico local, os processos de preservação sustentável podem começar dentro da sala de aula, visto que**

A Educação Patrimonial é um instrumento de ‘alfabetização cultural’ que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira compreendida como múltipla e plural. (HORTA, GRUNBERG E MONTEIRO, 1999, p. 4)

**A parceria com as práticas museológicas relacionadas à educação patrimonial, não apenas é viável como desejável, em virtude dos subsídios às ações educativas expande as possibilidades de instrução, percepção e sensibilidade para a preservação dos bens culturais, uma vez que**

As escolas sofrem grande carência de material didático para que os professores possam trabalhar as questões referentes ao patrimônio cultural, histórico e arqueológico em sala de aula, pois poucos pesquisadores no contexto universitário estão preocupados em atingir esse público de leitores (comunidade e escola do ensino fundamental e médio). O conhecimento gerado dentro da universidade é de utilidade de poucos. Faz-se necessária essa integração entre escola, universidade e comunidade, isto é, ensino, pesquisa e extensão, pois nada será válido, nem viável se o conhecimento gerado na universidade ficar só de domínio privado. (SANTOS, 2009b, p. 209)



O conhecimento da Educação Patrimonial no ensino formal é de suma importância para essa parceria, que potencializa a compreensão e a percepção para a educação e transmissão informal, pois o patrimônio precisa ser preservado pelo significado para aqueles que o guardam e não pela imposição de algo ou alguém.

A educação patrimonial precisa ser desenvolvida de forma criativa, produtiva e prazerosa também em atividades extraclasse e para isso, os professores precisam ser preparados, se disponibilizar a aprender e a seguir sob uma nova perspectiva usando o conhecimento local e regional a seu favor.

Essa perspectiva é essencial para realizar reflexões direcionadas às camadas da população que vem sendo esquecidas, principalmente as que fazem parte das comunidades carentes, periféricas e suburbanas, cujo (des)conhecimento da origem de formação do seu bairro, período de fundação ou qualquer curiosidade que o identifique enquanto morador e conhecedor, mesmo de forma superficial, algumas referências, possibilita ou não o reconhecimento dessas evidências no seu processo histórico e comunitário.

Voltando-se para o bairro de Paripe, alguns bens culturais, como por exemplo, as Ruínas de Nossa Senhora do Ó, a Ferrovia, a Antiga fábrica de Cimento, a Praça João Martins são relevantes no processo de desenvolvimento de ações educativas com patrimônios. Uma das formas de mediação relacionadas ao conceito de patrimônio é a construção, antes em sala de aula, de um repertório



que pode ser desenvolvido, por exemplo, a partir de oficinas para o processo de aprendizagem do público escolar, a fim de estimulá-los a buscar resposta às perguntas: Onde está o patrimônio? Como conhecê-lo melhor?

As metodologias de Educação Patrimonial podem ser desenvolvidas tanto no ambiente formal quanto no não formal, dessa forma, as saídas de campo podem cumprir algumas atividades e assuntos planejados pelo calendário escolar. A metodologia aplicada neste trabalho está dividida em quatro etapas:

- Observação

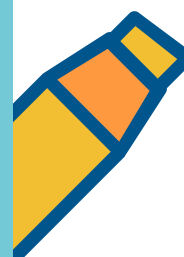
Realização de exercícios de percepção sensorial (visão, tato, olfato, paladar e audição) por meio de perguntas, experimentações, provas, medições, jogos de adivinhação e descoberta (detetive), etc., de forma que se explore, ao máximo, o bem cultural ou tema observado.

- Registro

Com desenhos, descrições verbais ou escritas, gráficos, fotografias, maquetes, mapas, busca-se fixar o conhecimento percebido, aprofundando a observação e o pensamento lógico e intuitivo.

- Exploração

Análise do bem cultural com discussões, questionamentos, avaliações, pesquisas em outros lugares (como bibliotecas, arquivos, cartórios, jornais, revistas, entrevistas com familiares e pes -



soas da comunidade), desenvolvendo as capacidades de análise e espírito crítico, interpretando as evidências e os significados.

- Releitura

Recriação do bem cultural, através de dramatização, interpretação em diferentes meios de expressão (pintura, escultura, teatro, dança, música, fotografia, poesia, textos, filmes, vídeos, etc), provocando, nos participantes, uma atuação criativa, buscando a reflexão, descoberta e atitude favorável a respeito da importância do Patrimônio Cultural.

Algumas opções de atividades educativas com patrimônios são apresentadas a seguir, lembrando que sempre que for necessário, é interessante adequá-las ao perfil da turma para que os resultados esperados sejam obtidos.

As propostas de Ações Culturais e Educativas foram elaboradas a partir das referências locais do patrimônio para serem utilizados em colégios de Paripe, buscando inserir, principalmente no contexto das aulas de História, conteúdos que aproximem os estudantes da sua realidade cotidiana.

- Reconhecendo o Patrimônio

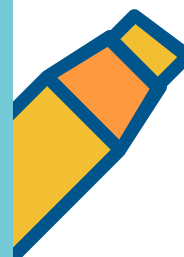
1) - Inicialmente, requisitar que os estudantes tragam de casa algum objeto, que tenha importância sentimental. Solicitar durante a aula que o apresente e justifique o motivo da eleição.



Após a socialização de todos, mostrar que aquele objeto específico pode não ter nenhum tipo de valor sentimental na vida de outra pessoa, mas que para ele (a) – discente – é relevante e através do relato é possível identificar o valor para si assim como para os demais. Utilizar a atividade para justificar que o significado que é atribuído a ele é considerado um patrimônio individual, pois há uma grandeza sentimental concedida ao utensílio.

2) – Para a aula seguinte, solicite fotos da família, dos animais de estimação, dos amigos e novamente abra uma roda de conversa e peça aos seus alunos que apresentem todos aqueles que estão nas imagens e que contem algum fato curioso acerca dessa pessoa. Após a socialização mostre o quanto são diferentes, que cada um na sua particularidade tem histórias, famílias, experiências e vivências diferentes e que todo esse aparato familiar, próprios de cada indivíduo, compõem a sua rede de convívio que faz parte do patrimônio familiar. A depender da idade da turma é possível que o professor (a) leve para a sala de aula, folhas de papel-ofício, lápis de colorir e papel metro, e solicite que cada um escolha a imagem de foto para desenhar no ofício e depois colar no papel metro, tendo assim um grande mural que pode ficar exposto na sala durante a realização das atividades como forma de lembrá-los diariamente sobre o seu patrimônio familiar.

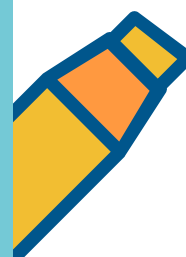
3) – Para a aula seguinte, solicite aos estudantes que observem o caminho que realizam todos os dias de casa até a escola, questione o que mais chama atenção. Talvez para esse momento não





consigam se lembrar de nada, pelo costume diário de passar, olhar e não ver. Se possível, consiga um mapa do bairro para que indiquem onde mais ou menos 1) residem, para que você – professor (a) – possa perceber a rota que esses alunos realizam. Questione sobre os prédios, casas antigas, fábricas, comércio local, meios de transporte sem esquecer a orla que compõem grandiosamente essa região e deixe como exercício de casa observar os caminhos para a aula seguinte.

4) – Para essa aula, foi planejada a exibição do filme *Narradores de Javé* (o filme é encontrado facilmente na página do Youtube), filme brasileiro de 2003, do gênero drama, dirigido por Eliane Caffé, que conta a história dos moradores do vilarejo do Vale de Javé. A história do filme gira em torno da criação de uma represa em nome do progresso, que ameaça inundar a cidade que está no caminho das águas. A única chance que eles têm de salvar suas terras é provar o valor histórico do vilarejo e que isso deve ser preservado. Como fazer isso? A idéia que surge é escrever todas as histórias vividas pelos antecessores, desde a fundação do vale, transmitidas pela oralidade, portanto, nada documentado materialmente. Uma série de temas são abordados pela produção como a formação cultural, a herança histórica, o ponto de contato entre memória individual e memória coletiva, verdade-invenção, como o próprio Antônio Biá diz no filme: “uma coisa é a história escrita outra coisa é história acontecida”. Ao final do filme, a história do Vale não foi escrita e Javé foi inundada. Todo o valor material daquele local sucumbiu em vista do dito progresso que a represa traria à região e o patrimônio daquele povo, fosse casa, igreja, bar ou “ossada” de seus parentes mortos, foi simplesmente ignorado. A partir dessa



atividade, há vários pontos que podem ser trabalhados na aula, inicialmente pensar na questão se fosse Paripe? O que faríamos? Como começar esses registros? Essa atividade pode ser desenvolvida de forma individual e posteriormente tornar-se um trabalho de grupo da seguinte forma: Cada aluno fica responsável em apresentar uma justificativa a partir da memória e oralidade do outro (pai, mãe, avó, avó, vizinho...), que pudesse justificar a permanência do bairro. Após o recebimento da atividade, o professor através do processo de colagem, transformar essas páginas em um livro para ser compartilhado em forma de leitura coletiva para a turma e a partir de então, questioná-los sobre o que aprenderam o que conheceram qual a ideia que eles tinham sobre o bairro antes e após a atividade.

- **Fique sabendo:**

No portal do professor :  
(<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=40633> - Acesso em 09/03/2021), há sugestão para a exibição do filme e desenvolvimento de uma oficina.

- **Atividade: Paripe nas mídias**

Promover e provocar o conhecimento local através da alfabetização cultural nas mídias sociais mostrando aos estudantes que é possível usar acesso às tecnologi-

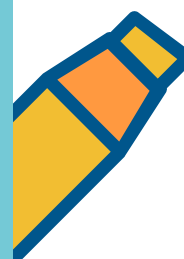


ias de forma consciente. A proposta consiste em realizar algumas Hashtag (#), construídas em sala de aula com os próprios alunos ex: #Paripenasmidias #Paripeénosso #Paripenomundo... E dessa maneira, agrupar diversos conteúdos sobre um determinado tema, facilitando a pesquisa posterior sobre as facetas de Paripe, provocando-os a divulgar seu bairro para o mundo.

## Atividade extraclasse

- Uma situação problemática

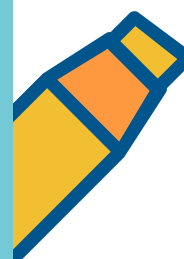
Antes de iniciar a visita, propor aos participantes um problema (situação) e definir personagens que serão representados por cada um deles. Por exemplo, o problema: a Prefeitura da cidade pretende demolir algumas casas antigas como parte de um projeto de alargamento de várias ruas para melhoria do trânsito, ou remover uma área degradada, para construção de um Shopping Center. Defina os personagens e papéis que cada participante representará: alguns serão empresários, outros funcionários da Prefeitura que fizeram o projeto, especialistas em planejamento e engenharia de construção e transportes, moradores das casas que serão demolidas, vizinhos, alunos das escolas, comerciantes locais, donas de casa, donos das companhias de ônibus, fiscais, arquitetos do Patrimônio Histórico, moradores jovens e velhos, técnicos de entidades ambientais, bem como jornalistas e repórteres de TV que vão fazer a cobertura do trabalho. Iniciar a caminhada e pedir que cada participante observe e analise o lugar da visita, com os olhos e os interesses do personagem que está representando, e registre, em uma folha de



papel, os argumentos para defender interesses e pontos de vista. Durante a caminhada, entrevistar moradores, comerciantes, pedestres, guardas para coletar dados sobre o problema proposto. Voltando da caminhada, se organizará uma discussão entre todos os personagens para apresentar seus argumentos, avaliar as conclusões e fazer reflexões sobre a preservação ou não das casas antigas, ou da remoção da área. Pode-se pensar na continuação desta atividade encenando uma peça de teatro, elaborando um jornal escrito ou televisivo, uma exposição, etc, em função das reflexões feitas sobre o assunto, ou outras atividades que os participantes venham propor. Outros bens culturais, materiais ou imateriais, podem ser colocados como centro de uma problemática que abranja diversos segmentos da população e dos poderes públicos, com vistas à sua manutenção/preservação. (GRUNBERG, 2007, p.16-17)

- Patrimônio Vivo

Os pescadores e artesãos conhecem as histórias da localidade, pois são nativos do lugar. Daí o interesse em permitir diálogos, trocas de experiências, saberes e práticas. Promover roda de conversa, com os alunos e os moradores mais antigos do bairro de Paripe, justificando o “Patrimônio Vivo” e a importância da História oral. Ao longo do trabalho, buscar conhecer as experiências e vivências daquelas pessoas, produtoras de artefatos de pesca. (PINHEIRO, 2017, p. 33)



## Atividade: A partir do Patrimônio Edificado

Convidar a turma para fazer um passeio nas Ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Ó, observando, atentamente, todos os detalhes, pelo lado de fora, cada um levando prancheta, papel e lápis. Pedir para observarem todos os detalhes e elementos durante alguns minutos. Passado esse tempo, e virados de costas, que descrevam, através de desenho ou escrita, o que eles se lembram do observado (números de portas, janelas e pavimentos: tipo de material; estado de conservação; cor; decoração; etc). Uma vez terminado esse registro, solicitar para que voltem a observar e comparar com o que eles descreveram nas suas anotações.

Promover, a partir dessa experiência, uma reflexão sobre a diferença entre o olhar e o ver e sobre a importância da observação detalhada para a compreensão e a descoberta de outras informações. Aqui também é possível “brincar” com a imaginação, após as anotações, convidar a turma a imaginar como era a construção antes do estado atual de degradação. (GRUNBERG, 2007, p. 18)

### Caminhada usando fotos antigas

Para esta atividade podem ser usadas imagens antigas coletadas na internet, arquivos e bibliotecas. A partir de cópias de fotografias antigas do bairro, fazer uma caminhada tentando descobrir o mesmo local apresentado na imagem, ou ponto de vista dela, limitando-o para facilitar a



atividade (por exemplo, um trecho de uma rua, uma praça, um largo, uma paisagem, etc). Pedir aos participantes para registrarem as mudanças observadas e através das comparações entre o ontem e o hoje, refletir sobre o que essas mudanças significaram para as pessoas que residem atualmente no território. Podem-se fazer entrevistas ou conversas com os moradores e solicitar as suas opiniões sobre as referidas mudanças. Após a coleta de dados, provocar no grupo uma troca de experiências.

- Atividade: Um quebra-cabeça

Aproveitar algumas fotos ampliadas, tiradas pelos participantes em atividades de caminhadas ou das expressões artísticas que foram estudadas ou de algum outro bem cultural imaterial, cole-as sobre cartolina e, posteriormente, corte-as de forma irregular para fazer um quebra-cabeça. Também podem ser utilizadas, cópias de fotografias antigas de monumentos, edifícios ou locais como: praças, mercados, cais, ruas, manifestações religiosas, expressões artísticas, pratos típicos da culinária local, esculturas, artesanato, arte popular, etc., que os participantes se conheçam, por estarem em contato no seu cotidiano, na sua casa, na sua rua ou no seu bairro. (GRUNBERG, 2007, p. 19)

- Paripe em HQ

Após os estudos a cerca do bairro de Paripe, organizar a turma em grupos e cada equipe desenvolver uma HQ (história em quadrinhos) com tema específico, exemplo: Ruínas da Antiga Igreja de Nossa Senhora do Ó, Ferrovia, Ruas de Paripe,



**Patrimônio Industrial...** Com o objetivo que a história do bairro seja recontada a partir de outra óptica. Após a finalização das equipes, formar um único livro e compartilhar a leitura com a turma, esse é o momento para sanar as possíveis dúvidas quanto aos conteúdos pesquisados.

- **Jogo da Memória – Paisagens e Patrimônios Urbanos**

O Jogo consiste em fazer cartografias de diferentes pontos do bairro de Paripe, como esquinas, ruas e praças nas quais se localizam algumas das edificações históricas, de modo a aguçar e promover situações de aprendizagem voltadas à observação das mudanças e permanências na paisagem urbana quanto aos seus traçados, disposição de bens culturais, alterações e ecletismo arquitetônico. As cartografias desafiam a pensar num suporte pedagógico desencadeador de leituras e interpretações patrimoniais utilizando-se de imagens antigas e atuais de determinados lugares e patrimônios conhecidos pela maioria dos moradores. (FRAGA, 2017, p. 118)

- **Atividade: Um júri popular**

Planejar essa atividade a partir de temas relacionados a situações e/ou problemas que existam no local ou com a comunidade, por exemplo: A UNESCO, ou o Governo Federal, fará uma grande doação de recursos para o município, US\$ 1.000.000,00 (um milhão de dólares). O que fazer com eles? Como e em que aplicá-los? No final, se elaborará uma proposta para a aplicação dos recursos que será do consenso de todos os partici-



pantes. (GRUNBERG, 2007, p. 18)

A partir dos tipos de Patrimônios já estudados em sala, a turma pode ser dividida, por exemplo, em grupos: 1 - Patrimônio industrial; 2 - Patrimônio edificado - Ruínas; e 3 - Patrimônio ferroviário. Dessa forma, cada equipe terá que justificar o uso do recurso e benefício para a comunidade de Paripe.

- **Fique Sabendo:**

UNESCO é a sigla para Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. Foi fundada logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, com o objetivo de contribuir para a paz e segurança no mundo, através da educação, da ciência, da cultura e das comunicações. Sua sede fica em Paris, na França, e atua em 112 países. Disponível em >  
<https://www.significados.com.br/unesco/>. Acesso em 09/03/2021.

Para inserir as questões patrimoniais de uma localidade nas discussões sobre desenvolvimento social em uma comunidade, é necessário o reconhecimento e a identificação da relevância do bem cultural. Nesse sentido, a Museologia Social busca meios e mecanismos para promover ações com





que a população se sinta inserida e responsável pelo processo de (re)construção.

No caso de Paripe, as atividades que foram propostas têm por objetivo promover e agregar inicialmente o conhecimento local, seus processos, mudanças e resistência no decorrer dos séculos de forma lúdica e prazerosa, dentro do universo escolar.

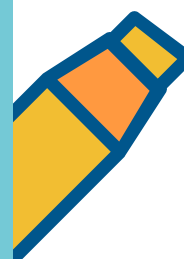
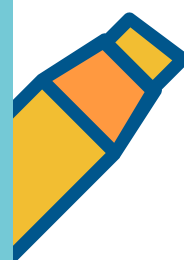
## Considerações Finais

A ideia dessa pesquisa nasce da relação entre o Colégio Estadual Barros Barreto e o patrimônio local que remonta ao ano de 2012, quando a autora, enquanto docente presenciou uma comunicação realizada pelos alunos sobre a história da Igreja de Nossa Senhora do Ó, em uma feira de ciências humanas, mas sem muito aprofundamento sobre detalhes do que aos nossos olhos se constitui em patrimônio histórico e cultural. A apresentação foi ponto de partida que permitiu, posteriormente, refletir sobre a necessidade de maior aproximação, principalmente no ambiente escolar e nas estratégias pedagógicas, com patrimônio local e regional, no sentido de ampliar os conhecimentos históricos que, por vezes, centralizam-se na Europa ou na história nacional, desta feita, muito afastados das vivências locais.

O uso da metodologia patrimonial no contexto escolar é uma possibilidade de expansão da aprendizagem, pois levando em consideração que o (a) aluno (a), ao chegar a casa, comente com seus familiares as curiosidades descobertas sobre o bairro, pode provocar várias situações, como por exemplo, o conhecimento e a cu -



riosidade dos parentes em querer saber um pouco mais ou ainda no caso daqueles que tiveram oportunidade de vivenciar algum fato ocorrido, compartilhar, fazendo uso, assim, da história oral, algo que dará mais sentido as informações compreendidas durante as aulas.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**ALVES, H; FIGUEIREDO L. Patrimonial: Diálogos entre escola, museu e cidade. Caderno Temático 4. João Pessoa. Casa do Patrimônio da Paraíba. 2015, p.20.**

**FRAGA, H. Patrimônio, Ensino e Educação: Formação Profissional. ISCMPA. Porto Alegre, 2017.**

**GRUNBERG, E. Manual de atividades práticas de educação patrimonial. Brasília: Iphan, 2007.**

**HORTA, M. de L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. Guia básico de educação patrimonial. Rio de Janeiro, IPHAN, 1999**

**LONDRES, C. Educação Patrimonial: reflexões e práticas – Caderno temático 2. Paraíba, Casa do Patrimônio de João Pessoa, 2012.**

**NUNES, A. A. Conhecendo a História da Bahia: da Pré – História a 1815. Salvador-Bahia: Ed. Quarteto, 2013.**

**SANTOS, M. C. T. M. A preservação da memória enquanto instrumento de cidadania. Cadernos de Sociomuseologia, Lisboa, v. 3, n. 3, maio 2009. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/307>>. Acesso em: 09 mar. 2021.**

**TEIXEIRA, C. A. R., “A Educação Patrimonial no Ensino de História”. Biblos, Rio Grande, 22 (1), p. 199-211, 2008.**

